



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KELLE DA CRUZ BREOTON

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS VIVAS PARA O PROCESSO DE  
ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA  
VILA RIBEIRINHA RECREIO DO PIRIÁ, CURRALINHO-PA**

CURRALINHO-PARÁ  
2021

KELLE DA CRUZ BREOTON

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS VIVAS PARA O PROCESSO DE  
ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA  
VILA RIBEIRINHA RECREIO DO PIRIÁ, CURRALINHO-PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, do Campus Universitário do Marajó – Breves, da Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes

CURRALINHO-PARÁ  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B828c Breton, Kelle da Cruz.  
As contribuições das histórias vivas para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos de educação infantil da vila ribeirinha Recreio do Piriá, Curralimho-Pará / Kelle da Cruz Breton. — 2021.  
45 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, , , Breves, 2021.

1. TCC . 2. Pesquisa. I. Título.

CDD 370

---

KELLE DA CRUZ BREOTON

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS VIVAS PARA O PROCESSO DE  
ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA  
VILA RIBEIRINHA RECREIO DO PIRIÁ, CURRALINHO-PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Campus Universitário do Marajó – Breves, da Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes

Data de aprovação: 22 / 01 / 2021

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes (Orientador)  
FECH/UFPA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eliane Miranda Costa (Examinadora)  
FECH/UFPA

---

Prof. Esp. Carlos Rodrigo Moraes de Souza (Examinador externo)  
Mestrando (UFPA)

À Deus por me amar tanto, ter me dado a vida e forças para não desistir.

À minha família pelo apoio e incentivo constante, vocês moram no meu coração. Eu amo cada um!

## AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida e por ter me dado a oportunidade de ser aprovada e concluir o curso de pedagogia.

Aos meus pais Natanael e Ormecinda Breoton, meus irmãos Karla Breoton e Nádson Breoton, que sempre acreditaram em mim, oraram e me deram forças pra continuar e realizar meu sonho de concluir o curso de pedagogia, como também, por todo o apoio moral e financeiro em todos os momentos que mais precisei.

Ao meu esposo Jó que sempre me apoiou e me deu forças para prosseguir, obrigada amor, seu incentivo foi muito importante para mim.

À minha filha querida e tão amada por mim que foi sem dúvida a maior força que encontrei para não desistir no meio do caminho. Jhemilly, todo meu esforço e dedicação foi por você meu amor!

À toda minha família, tios, tias, avós, primos, em especial minha tia Kézia Cruz que esteve ao meu lado quando eu mais precisei de ajuda. Obrigada tia, minha gratidão é enorme e sei que Deus há de lhe abençoar grandemente, por a senhora ser tão boa e generosa.

Aos meus tios Nivanildo e Diva, por me acolherem e me deixarem à vontade em seu lar, quando estava estudando em Curralinho. Gratidão pela vida de vocês.

Aos meus amigos/irmãos que conquistei para além da pedagogia. Anderson Borges e Dilcevânia Dias, meu muito obrigada a vocês que estiveram sempre ao meu lado, em todos os momentos da minha vida, que se alegram com minhas conquistas, que partilham momentos bons e ruins, quem amam minha filha, vocês tem um espaço no meu coração. Eu amo vocês!

Aos meus amigos e colegas de turma por todo o carinho e partilha de saberes, em especial à Aline, Andreza, Digiane, Jefeson, Lana, Letícia, Lidiane, Marcelo Freire, Walber e Walriline, que me ajudaram quando precisei e ainda mantêm contato. Gratidão pela vida de vocês e por fazerem parte da minha vida.

Agradeço em particular ao meu amigo Edicleyson Ferreira que nunca mediu esforços para ajudar o seu próximo, inclusive a mim, muitas vezes em que precisei, Deus lhe recompensará por toda sua bondade. Amigo, você é uma pessoa de coração muito bom e isto é uma dádiva de Deus, só rogo ao nosso senhor que lhe dê muita saúde e que continue sendo essa pessoa maravilhosa, gratidão pela sua vida.

À minha amiga Gê e seu esposo Sr. Elson, por me acolherem muitas vezes eu seu lar tratarem como filha, meu muito obrigada!

Ao meu Orientador Leonildo Guedes pelo carinho e paciência que teve comigo para

chegar até aqui, gratidão pela sua vida e pela pessoa que és. Que Deus lhe abençoe a cada dia!

A (o)s querido (a)s mestres da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, que compartilharam de suas experiências no decorrer de minha formação, me permitindo crescer como pessoa e como profissional.

A professora Simei Andrade que também muito me ajudou e que me fez gostar ainda mais da pesquisa com as crianças ribeirinhas. Obrigada por partilhar seus saberes!

Aos alunos e professores do Centro Municipal de Educação Infantil “Canto do Saber” pela recepção, pelo acolhimento e pela disponibilidade em ajudar na pesquisa.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a *todos e todas* que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse concluir o curso de Pedagogia.

Expressando-se oralmente a criança amplia seus horizontes de comunicação, exercita o pensar, socializa-se, organiza a sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, desenvolve a argumentação, comunica-se com facilidade, além de se preparar para um futuro profissional no qual ela seja capaz de expressar em público seus conhecimentos e ideias. (CHAER, GUIMARÃES)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso objetivou discutir as contribuições das histórias vivas por meio das narrativas orais sobre o conhecimento histórico social de uma comunidade tradicional para o processo ensino-aprendizagem dessas crianças. Esta pesquisa propôs responder ao seguinte questionamento principal: de que maneira os recontos de histórias, por meio das narrativas orais podem contribuir no processo de ensino –aprendizagem de crianças na educação infantil? As questões norteadoras atreladas a esse problema de pesquisa foram: de que maneira, a partir das narrativas orais, é possível estimular o desenvolvimento cognitivo e social da criança? Qual a importância de se trabalhar as histórias vivas por meio da narrativas orais na educação infantil? De que forma a escola pode valorizar as histórias vivas da comunidade ribeirinha? Para sua implementação, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Posteriormente, foi escolhida a abordagem qualitativa, sendo que o tipo de pesquisa foi o estudo de caso em uma escola de Educação Infantil, Canto do Saber, localizada na Vila do Piriá, município de Curralinho-PA. Para a coleta de dados foi conduzidas entrevistas semiestruturadas, para 02 (duas) docentes, e conversas informais para 06 (seis) discentes. Os resultados da pesquisa apontam que a consolidação da aprendizagem na Educação Infantil por meio das narrativas orais acontece de forma significativa, pois as crianças sentem-se capazes para expressar suas emoções, seus sentimentos e sua criatividade.

**Palavras-chave:** Histórias vivas. Educação infantil. Oralidade. Comunidade ribeirinha.

## ABSTRACT

This Course Conclusion Paper aimed to discuss the contributions of living stories through oral narratives about the social historical knowledge of a traditional community for the teaching-learning process of these children. This research proposed to answer the following main question: how can storytelling, through oral narratives, contribute to the teaching process - children's learning in early childhood education? The guiding questions linked to this research problem were: how, based on oral narratives, is it possible to stimulate the child's cognitive and social development? What is the importance of working on living stories through oral narratives in early childhood education? How can the school value the living stories of the riverside community? For its implementation, a bibliographic search was initially carried out. Subsequently, the qualitative approach was chosen, and the type of research was the case study in an early childhood school, Canto do Saber, located in Vila do Piriá, municipality of Curralinho-PA. For data collection, semi-structured interviews were conducted for 02 (two) teachers, and informal conversations for 06 (six) students. The research results show that the consolidation of learning in Early Childhood Education through oral narratives happens in a significant way, as children feel capable of expressing their emotions, feelings and creativity.

**Keywords:** Living stories. Child education. Oralidade. Riverside community.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Respostas de professoras expressão oral.....	30
Tabela 2 -	Respostas de discentes expressão oral.....	31
Tabela 3 -	Respostas de docentes expressão oral.....	32
Tabela 4 -	Respostas de docentes contação de histórias.....	34
Tabela 5 -	Respostas de discentes contação de histórias.....	35
Tabela 6 -	Respostas de docentes histórias contadas.....	36
Tabela 7 -	Respostas de discentes histórias contadas.....	37
Tabela 8 -	Respostas de docentes recursos que auxiliam a expressão oral.....	39
Tabela 9 -	Respostas de discentes recursos que auxiliam a expressão oral.....	40
Tabela 10 -	Respostas de docentes contação de histórias aprendizagem.....	41
Tabela 11 -	Respostas de discentes ouvir histórias.....	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>AS CONTRIBUIÇÕES DE NARRATIVAS ORAIS PARA O CURRÍCULO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>O currículo da educação infantil no Brasil: propostas disciplinares e interdisciplinares.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>O desenvolvimento infantil e sua relação com o desenvolvimento da oralidade e pensamento da criança.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3</b>	<b>A importância da literatura oral de comunidades ribeirinhas tradicionais....</b>	<b>24</b>
<b>2.4</b>	<b>As narrativas orais como ferramenta no processo de ensino aprendizagem das crianças ribeirinhas.....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>AS CONTRIBUIÇÕES DE NARRATIVAS ORAIS PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL “CANTO DO SABER”.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1</b>	<b>Concepção de oralidade e identificação de metodologia utilizada para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos em sala de aula.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b>As metodologias de ensino para desenvolver a oralidade das crianças.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3</b>	<b>Técnicas adequadas para estimular a expressão oral da criança.....</b>	<b>32</b>
<b>3.4</b>	<b>A contação de histórias em sala de aula e o trabalho pedagógico com a expressão oral das crianças.....</b>	<b>34</b>
<b>3.5</b>	<b>Frequência da contação de histórias na visão das crianças.....</b>	<b>35</b>
<b>3.6</b>	<b>As histórias contadas: o reconhecimento e o diálogo com os saberes culturais das crianças ribeirinhas de 04 e 05 anos de idade.....</b>	<b>36</b>
<b>3.7</b>	<b>As histórias mais contadas na visão de crianças ribeirinhas e os significados suscitados.....</b>	<b>37</b>
<b>3.8</b>	<b>Os recursos didáticos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da expressão oral das crianças.....</b>	<b>39</b>
<b>3.9</b>	<b>Recursos utilizados pelas professoras na visão das crianças.....</b>	<b>40</b>
<b>3.10</b>	<b>A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na educação infantil.....</b>	<b>41</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Dentre as muitas situações que marcaram a minha vivência no Rio Piriá, localidade Vila do Piriá, no Município de Curralinho-PA, estão as lembranças de infância, quando nas conversas com os familiares e pessoas da comunidade ouvia diferentes lendas, histórias, causos. Estas ficaram guardadas na memória. O que mais me chamava atenção eram as lendas contadas em roda de conversas ou durante os banhos no rio, sempre vistas como um acontecimento verídico.

Tenho isso como recordação de um tempo em que se valorizava o diálogo entre as pessoas, pois hoje, com o advento da tecnologia, pouco se tem valorizado as lendas e outras narrativas das comunidades locais advindas em grande parte da oralidade desses grupos geracionais. Tais lendas denomino aqui de “histórias vivas”. Almeida e Oliveira (2016, p. 51) consideram que a história viva advém do “descobrir, reviver, revitalizar, fortalecer a memória, conservando as histórias”. Portanto, são histórias que de alguma maneira foram vividas. Essas autoras ainda afirmam que “ao determinar categorias de história regional, é necessário dizer que todas as regiões tem histórias vivas, de sonhos e de mortes”, condição para se contrapor ao silenciamento a que o campo foi historicamente submetido.

Diante do exposto, surgiu a necessidade e ao mesmo tempo despertou o interesse em pesquisar se o Centro Municipal de Educação Infantil “Canto do Saber”, que também fica localizado na Vila do Piriá, possui propostas pedagógicas que possibilitem o reconhecimento e o diálogo da educação infantil com os saberes culturais das crianças de 4 e 5 anos de idade.

A escolha pelo objeto deste estudo resulta também da intenção de discutir as contribuições das histórias vivas, por meio das narrativas orais, para o processo de ensino aprendizagem dessas crianças sobre o conhecimento histórico social de uma comunidade tradicional marajoara.

Este trabalho busca contribuir para o campo da educação e também para a comunidade em si, pois propõe uma abordagem que permite aprofundar os conhecimentos sobre os saberes e tradições orais presentes nessa localidade. Assim como valoriza as histórias vivas de maneira que contribua no desenvolvimento educacional, social e cultural das crianças, pretende fazer uma possível aproximação com os saberes produzidos em espaço escolar e não-escolar. Pretende-se indicar novas possibilidades de estudos, a partir dos saberes locais que muitas vezes são excluídos do currículo e do próprio processo de ensino-aprendizagem no cotidiano da escola.

Esta pesquisa visa trazer o reconhecimento e a valorização das histórias vivas no contexto escolar e não escolar, enfatizando que muitos são os métodos utilizados na construção do conhecimento e da aprendizagem da criança. As narrativas orais são apresentadas por estudiosos como fonte construtora de conhecimento e formação do indivíduo. Com isso partiu a necessidade de fundamentar teoricamente minha pesquisa, procurando diferentes autores que abordem o referido assunto.

Assim, foram analisadas 02 (duas) dissertações, uma do ano de 2009 e a outra do ano de 2012. Estas foram encontradas por meio de pesquisas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, para fazer a revisão da literatura e aprofundar os estudos já realizados sobre o objeto de pesquisa.

Nesta perspectiva, ressalta-se a pesquisa de Ana Amélia Sanches Costa (2009) que traz como tema de sua dissertação “A Literatura Infantil no Desenvolvimento da Narrativa em Crianças Oriundas de Contextos de Baixa Escolaridade”. Em seus estudos, procurou compreender o desenvolvimento da organização da narrativa oral em crianças de 05 anos de idade oriundas de contextos de baixa renda, por meio da literatura infantil. Foram selecionadas previamente histórias infantis para inserir no contexto da sala de aula, discutindo sobre os valores abordados nos textos e relacionando-os à realidade que aluno está inserido, tendo como principal objetivo intervir no contexto, transformando e criando espaços de construção conjunta, o que ocorreu na relação entre pesquisadora e alunos. A autora conclui que tanto o reconto quanto as discussões dos valores criaram espaço/contexto para o desenvolvimento da organização da narrativa, por meio da constituição de um padrão interacional colaborativo, onde todos compartilhavam o mesmo objeto da atividade e que se revelavam motivados ao trabalho.

Outra pesquisa encontrada foi a de Regina Alves de Moraes Marques (2012), com o título “A Linguagem Oral na Educação Infantil: uma reflexão sobre seus fundamentos e inserção no planejamento escolar”. Esta dissertação trata sobre o papel da linguagem oral no desenvolvimento cognitivo da criança, assim como a sua importância no contexto da educação infantil. A autora buscou entender melhor como a linguagem oral se apresenta em sua prática de ensino, por meio de uma intervenção com professores de Educação Infantil desenvolvida em quatro etapas, sendo estas: análise de planejamentos, encontros sobre linguagem oral, coleta em sala de aula e entrevistas. Esta autora concluiu que a linguagem oral é essencial no desenvolvimento infantil, devendo ser priorizada nos cursos de formação de professores.

Ao analisar essas produções científicas, nota-se que a primeira autora traz a literatura infantil ao contexto escolar, de maneira que objetive a intervir no mesmo, transformando e possibilitando ambientes de produção e diálogo conjunto entre professor e aluno, trazendo o

reconto como fator relevante ao desenvolvimento da criança e trabalho docente. A segunda autora retrata o papel da linguagem oral no desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que julga a formação docente como fator indispensável nessa empreitada. Cada pesquisa abordada mostra-se relevante aos estudos que realiza, uma vez que ambas tratam a oralidade como um fator de suma importância na educação infantil.

Partindo dessa revisão da literatura, questiona-se: de que maneira os contos de histórias, por meio das narrativas orais ribeirinhas e marajoaras, podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem de crianças na educação infantil?

Com isso esta pesquisa teve como objetivo identificar as contribuições das histórias vivas da Vila ribeirinha Recreio do Piriá, Currealinho-PA, por meio das narrativas orais, para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos de educação infantil. Especificamente também objetivou descrever o valor cultural e pedagógico das histórias vivas em uma comunidade ribeirinha marajoara; analisar a estratégia metodológica de se trabalhar as histórias vivas por meio de narrativas orais, de maneira que contribua no desenvolvimento da oralidade e da formação da identidade da criança ribeirinha.

Para o alcance de nossos objetivos, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e de campo com abordagem predominantemente qualitativa, seguindo na trilha da história oral, tendo como instrumentos e técnicas de coleta de dados observações, entrevista semiestruturada e conversas informais.

Para realização da pesquisa de campo, buscou-se fundamentos na pesquisa bibliográfica, que tem como principal técnica a leitura, e como instrumento o fichamento bibliográfico:

Tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria *bibliografia* sobre o tema ou objeto que se pretende investigar. A pesquisa bibliográfica tem como principal técnica a leitura e como principal instrumento o fichamento bibliográfico (TOZONI-REIS, 2009, p. 25).

Por isso, é importante realizar a pesquisa bibliográfica, sendo que há a necessidade de ler e reler livros, artigos, dissertações e teses, para fazer um levantamento acerca do que já foi estudado e assim obter novas informações.

Por conseguinte, foi realizada a pesquisa de campo com abordagem predominantemente qualitativa e que seguiu na trilha da história oral. Como a pesquisa qualitativa busca se aprofundar nas questões e não se limita à apuração de dados ou resultados estatísticos, as perguntas são mais abertas e as respostas tendem a ser mais longas e difíceis de quantificar:

Para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas qualitativamente [...] também é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. (GOLDENBERG, 2004, p. 63).

Assim, considero este tipo de pesquisa adequado aos estudos que será realizado com os professores e alunos de 04 e 05 anos de idade do Centro de Educação Infantil “Canto do Saber”. O mesmo fica localizado na Vila do Piriá, meio rural, município de Currealinho/PA. É um prédio de porte pequeno e atende aproximadamente 200 crianças de 03 à 05 anos de idade, nos turnos da manhã e tarde.

Como instrumento de pesquisa para a coleta de dados foram utilizadas a técnica de observações, entrevistas e conversas informais. A observação é uma técnica de investigação social em que o observador participa da vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada, na medida em que as circunstâncias o permitam (MARCONI; LAKATOS, 2006). Observações essas que foram desenvolvidas antes, durante ou quando necessário no processo de pesquisa.

Outro instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada com os interlocutores. Neste tipo de entrevista, o questionamento é mais profundo e subjetivo, o relacionamento é recíproco, muitas vezes de confiabilidade (ROSA; ARNOLDI, 2008). A esse respeito Szymanski (2004, p. 18-19), considera uma entrevista semiestruturada quando:

Realizada no mínimo dois encontros, individuais ou coletivos. Não há um roteiro fechado – ele pode ser visto como aberto no sentido de basear-se na fala do entrevistado; mas os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-la melhor.

Outro instrumento utilizado com as crianças foram as conversas informais, que segundo Sousa (2014, p. 53), “viram grandes aliadas do pesquisador que investiga a infância por poder se desenrolar enquanto se brinca com eles, se trabalha ou se aprende, em qualquer ambiente e sem formalismos”. Com efeito, as conversas informais é o meio pelo qual podemos nos apropriar do discursos das crianças.

Os interlocutores da pesquisa foram: a professora titular da turma de 04 anos, a professora titular da turma de 05 anos de idade, três alunos da turma de 04 anos e três alunos da turma de 05 anos de idade.

A professora da turma de 04 anos selecionada para a pesquisa já trabalha há 05 anos na instituição. Sua formação docente inicial vincula-se ao curso de magistério e está cursando nível superior, licenciatura plena em pedagogia. Tem 32 anos de idade, com uma experiência a ser considerada no âmbito da pesquisa.

Já a outra professora da turma de 05 anos começou a trabalhar recentemente na instituição, a partir de janeiro de 2018. No entanto, já atua na área da educação há 11 anos. Sua formação é no curso de magistério e tem nível superior, graduação em Geografia. Sua idade é 35 anos e, assim como a primeira, apresenta uma grande experiência a ser compartilhada na pesquisa.

Pretende-se explorar narrativas orais produzidas na comunidade, fazendo assim comparações e aproximações entre elas, pois sabemos que as lendas, causos, histórias, enfim literatura oral (CASCUDO, 1984), existem em diferentes lugares e se conectam à história cultural de um povo.

No primeiro contato a campo foi feita a entrevista semiestruturada com as docentes em suas próprias residências, para partilhar seus saberes. Para esse encontro, utilizou-se um roteiro de entrevista com 06 (seis) perguntas elaboradas a partir do objeto de investigação. As docentes foram ouvidas e o diálogo foi gravado com a permissão das mesmas.

Em seguida, o outro encontro foi com os alunos das turmas previamente selecionadas para uma conversa informal em que as crianças falavam sobre lendas e histórias, sempre instigando a fala e a imaginação da criança. E à medida que o diálogo ocorria, foram narradas histórias diversas.

E para uma melhor organização, este trabalho foi estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo apresenta a base teórica da pesquisa; e no segundo capítulo são apresentados todo resultado da pesquisa que foi realizada no Centro Municipal de Educação Infantil “Canto do Saber” que é o lócus da pesquisa, levando em consideração a visão dos docentes e dos discentes.

## **2 AS CONTRIBUIÇÕES DE NARRATIVAS ORAIS PARA O CURRÍCULO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Esta seção tem como objetivo descrever o valor cultural e pedagógico das histórias vivas para uma comunidade ribeirinha marajoara. Para tanto, apresenta a necessidade de um currículo que atenda às necessidades das crianças de 0 a 5 anos, discute o desenvolvimento infantil e sua relação com o desenvolvimento da oralidade e pensamento da criança, bem como evidencia a importância da literatura oral de comunidades ribeirinhas tradicionais no processo de aprendizagem de crianças da educação infantil.

### **2.1 O currículo da educação infantil no Brasil: propostas disciplinares e interdisciplinares**

O grande desafio da Educação Infantil e mais especificamente dos profissionais é compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular de ser de cada criança, pois sabemos que a criança é um ser social que tem características próprias.

E quando se fala em currículo escolar precisamos refletir sobre o processo de seleção cultural e a organização dos conteúdos, e também as concepções acerca do que é avaliar, além de outros fatores intermediários da prática educativa.

Segundo Oliveira (2011), “o currículo não pode ser entendido como um plano individual predeterminado. É um projeto coletivo, uma obra aberta, criativa e apropriada para o aqui-e-agora de cada situação educativa” (OLIVEIRA, 2011, p. 184).

O currículo escolar precisa ser entendido como norte para as ações pedagógicas, contendo propostas disciplinares e interdisciplinares para a efetivação do processo ensino aprendizagem. Portanto, para o currículo de uma instituição de Educação Infantil deve levar em conta essas particularidades, elaborando propostas pedagógicas que visem práticas de educar e cuidar.

Sabe-se que para construir uma prática interdisciplinar, na ação pedagógica, não é fácil, mais é necessário compreender o que de fato é interdisciplinaridade:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de um mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (LÜCK, 1981, p. 64).

O currículo, por ser uma ponte entre a escola e a comunidade na qual está inserida, nos permite compreender os laços e limites daquilo que efetivamente ocorre na escola e no que é desejado para a formação do sujeito.

Pensar o currículo como uma construção requer, segundo Moreira (1999), compreender as complexas conexões entre currículo, cultura e poder na sociedade capitalista.

Nessa perspectiva, Pedra (1997, p. 38) concebe o currículo como “um modo pelo qual a cultura é representada e reproduzida no cotidiano das instituições escolares”, sendo que a forma como essas culturas são representadas é que vai constituindo as identidades individuais e coletivas que materializam o currículo.

Diante dessa afirmação, é notória que a construção de um currículo na Educação infantil reflete a intencionalidade, ou seja, acontece por meio da riqueza de experiências norteadas por objetivos voltados para o desenvolvimento infantil em seus aspectos afetivos, cognitivos e sociais.

Para Oliveira (2011, p. 183), a construção de uma proposta pedagógica para Educação Infantil deve estar vinculada à realidade cotidiana da criança, bem como a realidade social mais ampla. Isso implica, segundo a autora, conhecer as concepções, os valores e desejos, assim como as suas necessidades e os conflitos vividos em seu meio próximo. Para isso, faz necessário ouvir dos profissionais suas concepções educacionais para a construção dessa proposta, além de reconhecer e inserir as famílias como interlocutoras e parceiras desse processo de construção.

Dessa forma, é preciso compreender que o currículo não pode ser entendido,

[...] como plano individual predeterminado. É um projeto coletivo, uma obra aberta, criativa e apropriada para “aqui e agora” de cada situação educativa. Ocorre com base na análise dessa situação, no estabelecimento de metas e prioridades, no levantamento de recursos, na definição de etapas e atividades básicas, na reconstrução do projetado na interação (inter-ação) com as crianças, na verificação de aspectos do seu comportamento que vão se modificando no decorrer do processo. Envolve sensibilidade e uma visão de criança como alguém competente e com direitos próprios (OLIVEIRA, 2011, p. 183).

Como podemos observar a construção de uma proposta pedagógica para educação infantil se faz necessário que seja de forma coletiva, para que haja uma interação entre comunidade escolar e família.

Na educação infantil o desafio principal é estar sempre buscando novos caminhos para

sua prática pedagógica, levando em consideração as constantes transformações pelas quais a sociedade vem passando, mas sempre com um intuito de que a aprendizagem seja eficaz.

Notadamente, a busca de novos meios, novas formas de ensino, requer uma forma de organização dos ambientes de aprendizagem que, na perspectiva do sistema de ensino, é orientada pelo currículo.

Nessa perspectiva, é fundamental retomarmos esse termo trazida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Resolução CNE/CBE n 5, de 17 de dezembro de 2009), de caráter mandatório. Essas diretrizes a serem observadas na elaboração das propostas pedagógicas de cada estabelecimento, instituem que:

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009, p. 1).

As Diretrizes colocam a criança no centro do planejamento curricular das creches e pré-escolas, como se observa no artigo transcrito a seguir:

Art. 4º As propostas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.1).

Podemos notar claramente isso no artigo 9º onde há um detalhamento das experiências que devem ser proporcionadas aos meninos e meninas. São apresentadas experiências que envolvam diferentes linguagens e conhecimentos, que promovem o desenvolvimento das crianças, garantindo a elas espaços e tempo para se movimentar, brincar, interagir, explorar, contar e se expressar de diferentes maneiras:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que [...]:

III- possibilitem as crianças experiências de narrativa, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

As diretrizes Curriculares Nacionais propõem para a educação infantil um ensino interdisciplinar, que se configura como uma oportunidade concreta para uma revisão das relações com o conhecimento e o saber, ampliando e socializando, além do saber, as pessoas nas práticas coletivas.

Dessa forma, o conhecimento interdisciplinar deve ser uma comunicação entre os conhecimentos e os saberes, não uma forma de neutralizar todas as significações das outras disciplinas. Ou seja, uma atitude interdisciplinar leva o especialista a conhecer as limitações de algo e a colher as outras, na tentativa de substituir o conhecimento fragmentado por um conhecimento mais global. Isso dá segurança ao conhecimento do senso comum, pois é por meio do cotidiano que damos sentido a nossa vida.

Diante das Diretrizes Curriculares Nacionais, a Educação Infantil deve propor um ensino interdisciplinar, já que a criança necessita de uma formação dinâmica, e a escola deve ser pensada e organizada tendo como principal objetivo a formação da criança.

Assim, as crianças são mais competentes, abrangentes e precisas quando falam de aspectos próximos de suas necessidades, interesses e desejos. Entretanto, elas também são capazes de intervir, fazer propostas e dar suas opiniões sobre os problemas da comunidade, porque também vivem ali, como todo cidadão. (TONUCCI, 2005).

## **2.2 O desenvolvimento infantil e sua relação com o desenvolvimento da oralidade e pensamento da criança**

Com a entrada das crianças cada vez mais cedo na escola, torna-se necessário refletir sobre a importância dessa instituição para o desenvolvimento humano. Entende-se como desenvolvimento humano a não decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas entre indivíduos e meio cada aspecto influi sobre o outro (SCHUSTER, 2016).

Segundo Vygotski (*apud* SCHUSTER, 2007), desde que nasce o ser humano está rodeado por seus pares num ambiente cultural. Afirma que o próprio desenvolvimento da inteligência é o produto dessa convivência. Para ele o ser humano só se constitui nas interações sociais. Assim sendo, é visto como alguém que transforma e é transformando nas relações produzidas numa determinada cultura.

Partindo da hipótese de que há uma enorme complexidade presente nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, se faz necessário refletir sobre a mediação pedagógica na educação infantil e papel desta na aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos.

Para Rabello e Passos (2011), a concepção do desenvolvimento está ligada a um contínuo da evolução, em que nós caminhamos ao longo de todo ciclo vital. Essa evolução nem sempre linear, se dá em diversos campos da existência, tais como afetivo, cognitivo, social e

motor. Ademais, este caminhar sucessivo não é determinado apenas por processos de maturação biológicos ou genéticos.

De acordo com a teoria histórico-cultural postulada por Vygotski e seus colaboradores, o desenvolvimento do ser humano ocorre por meio das relações sociais. Ao nascer, a criança necessita de duas condições para o seu desenvolvimento humano: heranças naturais do organismo – o sistema nervoso humano herdado pela criança – e condições concretas de vida e de ensino. A criança tem um cérebro pronto para assimilar e acomodar aquilo que lhe é ensinado

(MURKHINA, 1996). “A criança como um ser ativo e por meio das relações sociais, [...] internaliza conhecimentos e confere sentidos a eles” (COUTO, 2007, p. 42).

Em meio as tantas práticas sociais que a criança vivencia no decorrer do seu desenvolvimento, a linguagem oral é um recurso que ela utiliza como forma dinâmica de se comunicar.

A linguagem oral é o sistema pelo qual o homem comunica seus sentimentos e ideias através da fala. Com efeito, não é um processo inato, é uma habilidade que se constrói no âmbito social, ou seja, a criança nasce com a capacidade para desenvolvê-la, e a figura materna torna-se uma das principais fontes de colaboração nesse processo. (SANTOS, FARAGO, 2015).

Toda comunicação se faz na interação. Assim, é impossível pensar em palavras, linguagem, sem ser na interação com o outro. As palavras possuem seus significados, não sendo o mesmo para todas as pessoas, o sentido se dá a partir da interação do sujeito com o seu interlocutor nos diferentes discursos. (BAKHTIN apud AUGUSTO, 2011).

É essencial perceber que a linguagem oral é um processo dinâmico, que se desenvolve quando se entra em contato com situações de modo altamente significativo, em diferentes interações. Por isso, deve ser trabalhada, metodicamente desde o início para um melhor desempenho do discurso argumentativo do dia a dia.

A linguagem oral é um instrumento fundamental para que as crianças possam ampliar suas possibilidades de inserção e participação nas diversas práticas sociais. De acordo com o

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, “em algumas práticas, se considera o aprendizado da linguagem oral, como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica. Prescinde-se nesse caso de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem” (BRASIL, 1998, p. 119).

A necessidade que as crianças tem de usar a linguagem oral acontece através das experiências vivenciadas quem fazem o uso da linguagem oral no cotidiano, não apenas em casa, mas também nas instituições de Educação Infantil, que é o lugar em que a criança passa a maior parte do dia, tendo contato com outras crianças e adultos.

Considerando-se que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é “ampliar, interagir e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante” (BRASIL,1998, p. 134).

Nesse contexto, torna-se relevante o papel da educação infantil no sentido de possibilitar a ampliação gradativa da comunicação, da expressão e do vocabulário infantil. Cabe ao professor o uso de práticas para o desenvolvimento da oralidade, conversando com as crianças, propondo brincadeiras com palavras e narrativas, ler e contar histórias. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

[...] quanto mais às crianças puderem falar em situações diferente, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa. (BRASIL, 1998, p. 121).

O processo educativo torna-se eficaz quando propiciam situações que os alunos possam desenvolver e explorar suas capacidades comunicativas e sociais.

Assim, o ambiente também deve propiciar o desenvolvimento oral das crianças fazendo com que elas se comuniquem. O trabalho com a linguagem deve acontecer através de atividades significativas.

O professor deverá criar situações, promover atividades como conversas, discussões, poesia, dramatizações, fantoches leitura de histórias, entrevistas músicas, reconto de histórias, trava-língua debates, exposições orais, de forma a possibilitar que a criança se torne mais comunicativa e tenha uma interação com o grupo. (CHAER, GUIMARÃES, 2012, p. 76)

É essencial perceber que a oralidade é um processo dinâmico que se desenvolve a partir de situações que sejam altamente significativas para as crianças. (AUGUSTO, 2011). Em virtude do que foi mencionado, percebe-se que no trabalho com a oralidade destaca-se que,

[...] falar e pensar, não se aprende sozinho, mas na interação com os outros. Assim, falar sobre as coisas com os outros ajuda a criança a pensar sobre elas e a desenvolver sua linguagem e seu pensamento. Nesse processo, nós educadores, devemos buscar ouvi-las e dar-lhes oportunidades para que, brincando, e interagindo, construam sua própria linguagem, cada uma a seu tempo (COSTA; GUIMARÃES; ROSSETI – FERREIRA, 2003, p.83).

Uma das atividades que ajudam nesse desenvolvimento e que chama a atenção da criança, é a contação de histórias locais, e incentivar à criança que reconte essas histórias permitirá que ela crie seu próprio vocabulário. Sabemos que a criança é um ser dotado de conhecimento, e quando lhes é dada a oportunidade de contar algo, ela utiliza sua própria

linguagem para falar algo que o adulto conhece de uma forma mais formal.

No reconto de histórias, as crianças podem ouvir e recontar histórias, produzindo-as e enriquecendo sua linguagem e também criando a sua própria linguagem, e isso irá estimular a sua oralidade. A estratégia de reconto de histórias, além de estimular o gosto pela oralidade, também poderá ser de grande valia para a avaliação do desenvolvimento linguístico da criança. A produção de narrativas é outra possibilidade para o desenvolvimento da oralidade. Para isso, pode-se utilizar para a roda de histórias para a expressão de narrativas infantis. O ato de contar histórias sempre existiu, veio de várias gerações passadas, serviam para educar as crianças, explicar os mistérios da natureza. As narrativas que os professores contam são a base para a construção das histórias das crianças, e essa construção se dá pela interação com o mundo representado pelo adulto e pelo uso da linguagem.

Sabemos que ouvir e contar histórias é comportamento humano que caminha junto a história da humanidade. Todas as crianças independentemente de cor, credo, raça e condição social viajam num mundo de fantasias e se encantam com as histórias.

### **2.3 A importância da literatura oral de comunidades ribeirinhas**

Cascudo (2006, p. 25) afirma que “a literatura oral brasileira reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição. Entende-se por tradição, *traditio*, *tradere*, entregar, transmitir, passar a diante, o processo divulgativo do conhecimento popular ágrafo”.

A literatura oral se perpetua na história da humanidade, nas vozes dos contadores de histórias e na memória coletiva de determinados povos. A literatura oral brasileira sofreu influência das tradições que herdamos dos povos indígenas, africanos e portugueses. Sabemos que as histórias ficam em nossa memória, mesmo com o passar dos tempos, com o avanço das tecnologias. Através da contação de história, podemos preservar os conhecimentos adquiridos no dia a dia.

Na educação infantil, a contação de história é uma metodologia eficaz para o desenvolvimento e formação da criança. Nessa perspectiva, é possível verificar que a contação de histórias é uma experiência significativa para qualquer criança, “escutá-las é o início da aprendizagem para um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. (ABRAMOVCH, 1989, p. 16)

O ser humano é inserido no mundo das histórias devido o hábito que tem de narrar as coisas que acontecem ao seu redor. A narrativa é um instrumento de perpetuação da humanidade

como qualquer arte, ou seja, as narrativas orais são importantes para o crescimento pessoal e social desde que levemos em consideração a realidade cultural.

É importante que as narrativas das crianças sejam ouvidas, assim elas interagem através da linguagem no processo de interação com o seu espaço:

As produções culturais das crianças precisam ser apreendidas como forma de estar no mundo, de como são inseridas no meio e de como o meio interage com elas. Nesse sentido, tentar entender o caminho das produções de relações, intervenções, subjetividades e até mesmo de interpretação é tentar entender juntamente o grupo social, o espaço e o tempo como um todo, mas por um olhar sensível. (SIMÕES E FARIAS, 2017, p. 113).

Os contos de literatura oral amazônica representam uma grande parte da cultura popular brasileira. O Brasil tem uma literatura imensurável que retrata a cultura de seu povo. Um dos motivos que a literatura permanece sempre viva na história da humanidade é justamente por sua capacidade de retratar questões que se fazem presentes no cotidiano do homem.

O povo amazônico produz uma sabedoria natural e guarda em sua imaginação narrativas maravilhosas sobre os mais variados mitos, lendas e crenças populares que passam de geração a geração sem perder o sentido e o encantamento.

Diante disso, temos que lembrar que, quando falamos em literatura, ela pode ser oral ou escrita, e estas formas, segundo Coelho (2000, p. 16), “[...] foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição, tal qual outros fizeram, antes de nós como ao valores herdados e por sua vez renovados.”

Dando ênfase a literatura oral que ainda é viva nas localidades ribeirinhas, preservada geração após geração, os contos são componentes da memória coletiva, ou seja, começam a ser perpetuados com a narração oral dos índios e permanecem vivas no imaginário ribeirinho.

A tradição reúne elementos de estórias e histórias popular, anedotas reais ou sucessos imaginários, críticas sociais, vestígios de lendas amalgamados, confusos, díspares na memória geral, confundem com certas superstições. Parece-me articular-se aos rumores clássicos, o rumor antigo, conta como dizia Camões, numa forma de comunicação de valores indistintos do saber coletivo. Sua caracterização é compreendida quando uma tradição é evocada. Quase sempre inicia-se pela frase: “\_ Os antigos diziam...” não é uma lenda, nem um mito, fábula ou conto. É uma informação, um dado, um elemento indispensável (CASCUDO, 2006, p. 53).

Notadamente, os contos populares amazônicos são recheados de informações históricas, sociais e culturais. Esses contos são relatos de experiências vividas pelos povos ribeirinhos. Para os moradores da região amazônica, contar histórias é um meio de perpetuação de sua “ciência do concreto” e de suas formas de significar sua existência, e a literatura oral

representa o “sagrado”, o espiritual, o transcendental, para essas comunidades.

Os contos de literatura oral amazônica representam a intenção de fixar valores ou padrões a serem respeitados pelas comunidades, incorporados pelos moradores em seu cotidiano criando uma dimensão, a do patrimônio imaterial que provem da memória coletiva dos amazônidas sobre a diversidade de manifestações das práticas e saberes transmitidos às gerações. Com isso, o acervo de literatura oral necessita de atenção especial, por ser considerado um patrimônio de cultura e sabedoria, legado pelas tantas etnias responsáveis pela formação do povo brasileiro (ANDRADE, 2014, p.174).

É importante ressaltar que o povo amazônida possui uma sabedoria e guarda em sua imaginação, narrativas maravilhosas sobre os mais variados contos, que perpetuam a cada geração e sua existência está atrelada à memória, oralidade e tradição.

Os ribeirinhos são embalados por essa movência do espaço, ou seja, os rios e as matas nos ensinam sobretudo, principalmente sobre o tempo: o tempo das águas, o tempo das roças, o tempo da colheita, o tempo das seringueiras, o tempo da viagem, o tempo das sementes e, por fim, o tempo de lembrar e de contar, dessa forma o miraculoso relógio da Amazônia é a água (MORAES, p. 257).

O conhecimento popular do ribeirinho chama atenção para a diversidade de conhecimento contida na tradição popular e que é exposta através da oralidade ribeirinha.

Na Educação Infantil, esses conhecimentos são fundamentais no desenvolvimento da aprendizagem da criança ribeirinha, principalmente na sua oralidade. Histórias que surgiram há tempos, ainda são contadas pelas crianças de forma encantadora. A criança viaja num mundo de ilusões, fascínios criados por ela para contar essas narrativas tradicionais.

Mesmo a criança ainda não sabendo ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta. Portanto, o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo:

Além disso, a história permite que o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaços para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança (CARDOSO, 2016, p. 08).

Em suma, a contação de história na educação infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, despertando encanto, prazer e imaginação. Esta prática subsidia a aproximação do real com as fantasias que são fundamentais para o progresso na primeira infância.

## **2.4 As narrativas orais como ferramenta no processo de ensino aprendizagem das crianças ribeirinhas**

Ao longo dos tempos o ser humano guarda como seu patrimônio um conhecimento que é passado de geração a geração, conhecimentos esses que são adquiridos no seu dia a dia, nas conversas, nas brincadeiras, ou seja, no conhecimento popular.

Cada geração recebeu de seus antepassados, seja pelo exercício prático, seja pela audição de normas e saberes, seja pela observação e imitação, um acervo de bens e valores que procurou absorver, conservar, dinamizar, enriquecer, para por sua vez, transmiti-lo à geração seguinte, a fim de que esta procedesse similarmente com a subsequente, e assim, seguidamente, pelos tempos em fora (WEITZEL, 1995, p. 19).

O autor nos reforça que esses conhecimentos não são recomeçados e sim dão continuidade às experiências que foram vividas por seus antecessores, sendo que esses conhecimentos nos repassam ensinamentos fundamentais sobre tradição para a vivência do ser humano na sociedade.

Com efeito, as narrativas orais são elementos essenciais no processo de preservação da memória dos povos amazônicos. Através de contos, fábulas e lendas, valoriza-se e conservase a tradição do homem amazônida para a posteridade.

A cultura amazônica depende em especial das práticas sociais vivenciadas no cotidiano da população ribeirinha. Utilizar as narrativas orais na Educação Infantil, seja na área urbana, seja na área rural, servirá como forma de preservar a cultura tradicional das comunidades ribeirinhas.

A contação de história é uma prática antiga que surgiu muito antes da escrita, quando as pessoas utilizavam a oralidade para narrar acontecimentos à comunidade, transmitindo assim ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração à geração. Também usavam dessa prática para o entretenimento, diversão e lazer. Nesse sentido, as informações foram sendo disseminadas inicialmente pela “memória viva” onde a relação entre o dizer e o ouvir se fazia independentes de um estado de entrega, intensidade, admiração e conquista desafiando o processar do tempo.

A cultura oral da região amazônica através da literatura oral visa a preservação de sua memória social e cultural:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si.” (POLLAK, 1992, p. 05).

Pode-se considerar que a escola tem sua parcela de contribuição na preservação da memória social e cultural, posto que é uma instituição de produção e reprodução do conhecimento.

Com efeito, o ambiente escolar pode ser considerado fundamental no processo de preservação da tradição oral dos povos da Amazônia. Aliada à família, a escola pode contribuir significativamente para que lendas, mitos e crenças sejam “conservadas”/ reinventadas entre os alunos. Para que isso ocorra de maneira eficaz, é necessário que se transforme novamente a contação de histórias em uma rotina das famílias, pois a mesma vem perdendo importância.

A escola tem uma grande responsabilidade neste processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e encontrar-se dentro da própria cultura (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 241).

A criança é um ser que independente do seu meio social gosta de ouvir histórias e também gosta de contar histórias. Nesta perspectiva, a criança vivencia estruturas de narrativas diferentes, que a constituirão como protagonista no processo. O principal objetivo de contar uma história é despertar a curiosidade, estimulando a imaginação da criança. Ao ouvir uma história, a criança ganha a possibilidade de sentir diferentes emoções como alegria, tristeza, dor, medo, felicidade, abandono, e ao mesmo tempo irá desfrutar das possibilidades imaginárias que cada história contém.

Para Steinle (2015, p. 111), “ao viajar pelo mundo fantástico das histórias infantis, os alunos também podem desbravar outros espaços e lugares, outras épocas, e outros modos de vida e de comportamento, tudo isso regado de cultura e princípios morais e étnicos”.

A contação de história como ferramenta do professor mediador deve despertar emoções, aguçar sensibilidade e estimular a imaginação da criança, e não deve ser vista como forma de fazer com que o tempo passe. Contar história não é uma atividade banal que serve para preencher o tempo escolar, ao contrário, a contação de história é uma arte que necessita de técnica e conhecimento.

Elizagaray (apud ABRAMOVICH, 1987, p. 20), afirma que, ao se contar história, “o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuoso que sabe seu texto, que o tem memorizado, que pode permitir-se ao luxo de fazer variações sobre o tema”.

Por isso, as salas de aula, antes de serem lugares onde existem livros com suas histórias presas em si, devem ser lugares onde as vozes correm vivas e entram em cabecinhas ávidas por imaginar:

É a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo ainda em estado mágico (MEIRELES, 1979, p. 66).

Ao utilizar-se da contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade.

### **3 AS CONTRIBUIÇÕES DE NARRATIVAS ORAIS PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL “CANTO DO SABER”**

Para a realização da coleta de dados, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, pois é um tipo de entrevista em que o questionamento é mais profundo e subjetivo, bem como pode sofrer alterações de acordo com a entrevista.

Para uma melhor realização das entrevistas, foi construído um roteiro de entrevista para as (02) docentes do sexo feminino, de duas turmas de 04 e 05 anos de idade. A docente da turma de 04 anos tem 32 anos de idade, com formação em nível magistério, está cursando Pedagogia e já atua na área da educação há 05 anos. A docente da turma de 05 anos tem 35 anos de idade, com formação em nível magistério e graduação em Geografia; ela já atua na área da educação há 11 anos, sendo que está na educação infantil há 02 anos.

O roteiro de entrevista possui seis (06) perguntas relacionadas às práticas e metodologias utilizadas em sala de aula pelas docentes, a saber: *a)* O que você entende por oralidade? Como você trabalha o desenvolvimento da expressão oral dos alunos na sala de aula?

*b)* Quais técnicas você julga adequadas para estimular a expressão oral da criança? Comente sobre cada uma dessas técnicas. *c)* Com que frequência você trabalha com a contação de histórias em sala de aula? Como a expressão oral das crianças é trabalhada antes e durante a contação de histórias? *d)* Quais histórias são geralmente contadas? Quais histórias possibilitam o reconhecimento e o diálogo com os saberes culturais das crianças de 04 e 05 anos de idade? Como essas histórias se relacionam com os saberes culturais das crianças da comunidade ribeirinha? *e)* Quais recursos são utilizados para auxiliar no desenvolvimento da expressão oral das crianças? *f)* De que maneira a contação de histórias pode contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na educação infantil?

Já para os (06) alunos, não utilizou-se um roteiro com perguntas pré-elaboradas, mas conversas informais, com o intuito de verificar se as respostas dos docentes se confirmam ou não. Os discentes foram selecionados por meio de um sorteio, realizado pela própria pesquisadora. Sendo que dos alunos de 04 anos, as sorteadas foram 03 (três) meninas; já os discentes de 05 anos, os sorteados foram 02 (dois) meninos e 01 (uma) menina. A pesquisa com os discentes foi realizada de forma individual, nas residências dos mesmos, mediante autorização de seus pais.

No que diz respeito a pesquisa com os discentes, podemos destacar por meio de conversas informais um contraponto em relação as questões levantadas com as docentes, tais como: quais as metodologias que as docentes utilizam para desenvolver a oralidade dos mesmos (as); com que frequência as mesmas são utilizadas; quais histórias são contadas; como e se essas histórias se inter-relacionam com a realidade dessas crianças; que recursos são utilizados para trabalhar as narrativas orais; e por fim, se os mesmos gostam de ouvir histórias e porquê.

Ademais, vale ressaltar que tive boa receptividade por parte das docentes e dos discentes, e assim ficou bem mais fácil de obter os dados necessários.

### **3.1 Concepção de oralidade e identificação de metodologia utilizada para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos em sala de aula**

Neste tópico demonstra-se o conceito de oralidade, por meio da visão de cada docente e quais as metodologias que cada uma utiliza para trabalhar o desenvolvimento da expressão oral dos alunos na sala de aula. Ressalta-se que as respostas estão em ordem cronológica, ou seja, professora dos alunos de 04 anos de idade e em seguida de alunos de 05 anos de idade. Logo depois, serão apresentadas as falas dos discentes em relação às metodologias utilizadas para se trabalhar a expressão oral de cada educando (a), seguindo a ordem cronológica também.

Tabela 1 – Respostas de professoras expressão oral

INTERLOCUTOR DOCENTE	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Conceito de oralidade. Metodologia utilizada para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos em sala de aula.
Professora 01	É a transmissão oral de conhecimentos que são somente memorizados e repassados através da fala e de gestos. A expressão oral é trabalhada por mim, através de diálogos, rodas de conversas, músicas, gestos corporais e histórias.
Professora 02	Toda forma de expressão que leve a criança a se expressar e se desenvolver a comunicação, por meio de diversas atividades, como por exemplo: pintura, rodas de conversa, musicalidade, contação de histórias, entre outros.

Fonte: Autoria própria.

Com base nas respostas das docentes, percebe-se que a primeira docente, dos alunos de 04 anos, deixa o conceito mais restringido, deixando a desejar quando denomina que oralidade é apenas transmissão oral de conhecimentos que são “somente” memorizados e repassados através da fala e de gestos. E em seguida, afirma que ajuda a desenvolver a expressão oral nos seus alunos, por diversas formas, ou seja, ela entra em contradição com as duas respostas.

Já a segunda docente da turma de 05 anos possui um conceito mais amplo de oralidade, deixando claro que a oralidade pode ser desenvolvida por qualquer forma de expressão, em acordo com Santos e Farago (2015, p.113), os quais destacam que “oralidade é entendida como uma atividade verbal presente nas mais diferentes situações sociais em que o indivíduo possa se inserir ao longo de sua vida”. A segunda docente afirma que sua metodologia se dá de várias formas, utilizando-se de pinturas, rodas de conversas, musicalidade, contação de histórias e entre outras atividades. O exercício da oralidade na fala da segunda professora, ficou explícito na atividade de contação de história, em que ela narrava a história e em seguida permitia as crianças que recontassem a mesma história usando uma linguagem própria das suas realidades.

Isso nos leva a questionar mais a fundo e buscar um contraponto com as respostas Abstraídas das falas dos educandos, a seguir.

### 3.2 As metodologias de ensino para desenvolver a oralidade das crianças

Tabela 2 – Respostas de discentes expressão oral

INTERLOCUTOR DISCENTES	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Metodologia utilizada pelas docentes para desenvolver a expressão oral dos alunos em sala de aula.
EDUCANDO 01	Contação de histórias de livros pela professora.
EDUCANDO 02	Contação de histórias de livros pela professora.
EDUCANDO 03	Contação de histórias de livros pela professora.
EDUCANDO 04	Canto, contação de histórias de livros pela professora; música.
EDUCANDO 05	Contação de histórias de livros pela professora; música.
EDUCANDO 06	Contação de histórias de livros pela professora.

Fonte: Autoria própria

A partir das falas das crianças, é possível observar por meio das declarações dos educandos que a professora dos alunos de 04 anos de idade, que tem formação em nível magistério e estar cursando Pedagogia, não possui uma metodologia diversificada em relação ao desenvolvimento da expressão oral. De acordo com as falas, percebe-se que a mesma não põe em prática todas as atividades descritas nas respostas dela, tais como: diálogos, rodas de conversa, músicas e gestos corporais.

Já a professora dos alunos de 05 anos, apesar de ter formação em nível magistério e graduação em geografia e estar apenas dois anos atuando na área da educação infantil, tem uma proposta mais profunda e que melhor desenvolve a expressão oral dos educandos, utilizando-se de músicas e contação de histórias de livros, como afirmaram os educandos.

A esse respeito, Cardoso (2016) pondera que o professor deve trabalhar a oralidade, a espontaneidade, a socialização e a coordenação motora da criança, valorizando os benefícios que esse trabalho pode proporcionar sendo um aliado no desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita.

A seguir, serão abordadas as técnicas mais utilizadas pelas docentes para estimular a expressão oral das crianças.

### 3.3 Técnicas adequadas para estimular a expressão oral da criança

Tabela 3 – Respostas de docentes expressão oral

INTERLOCUTOR DOCENTE	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Técnicas adequadas para estimular a expressão oral da criança. Comentar sobre cada uma dessas técnicas.
Professora 01	Histórias contadas e Ilustrações. Ambas são utilizadas para estimular a fala das crianças, auxiliando assim no seu desenvolvimento de expressão oral.
Professora 02	Estimulação da fala nas rodas de conversas; cantar músicas. Com essas técnicas os educandos são incentivados a pronunciar palavras e isso contribui para a ampliação do seu repertório linguístico.

Fonte: Autoria própria.

As técnicas utilizadas pelas docentes foram contação de histórias a partir de ilustrações, roda de conversa e canto de músicas. No entanto, não ficou claro que ambas as docentes utilizam-se dessas técnicas em uma sequência metodológica, o que pode ser recomendado.

Contudo, destacam-se pontos positivos em relação a estimulação por parte das professoras no que diz respeito a expressão oral, pois segundo os relatos das mesmas, ambas trabalham com o desenvolvimento dessa área nos seus educandos. A esse respeito, “contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

Expressar-se oralmente é algo inerente ao ser humano, pois temos a necessidade de nos expressarmos. E para que seja desenvolvida essa oralidade, a expressão oral deve ser estimulada. Na criança, essa estimulação pode acontecer de diversas formas, inicialmente com a família e em seguida nas demais instituições nas quais ela será inserida. Na escola especificamente o professor tem um papel fundamental nessa missão. Santos e Farago (2015.

p.121) afirmam que “o professor deve possibilitar a todos os alunos a participação em

momentos de fala, incentivando-os a falar. A participação das crianças nestas atividades envolvendo a oralidade possibilitará o desenvolvimento de competências como ler e escrever”. Logo, oralidade está inteiramente relacionada com o desenvolvimento cognitivo do educando.

A roda de conversa também é uma metodologia de suma importância que pode ser utilizado para o desenvolvimento da expressão oral das crianças. A roda de conversa deve ser uma atividade permanente e diária, pois é um momento de interação e diálogo entre os alunos; o professor age mediando as conversas, propondo situações para que as crianças possam se expressar com essa atividade, o professor consegue dispor situações de trabalho com a oralidade. Com a roda de conversa, “as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a influência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas” (BRASIL, 1998, p. 138), ampliando assim seu vocabulário e valorizando atividades em grupo como forma de aprendizagem.

Conversar deveria ser uma prática diária na sala de aula. Muitas vezes os professores propõem rodas, mas desprovidas de situações reais de comunicação, ficando sempre centrada na fala do adulto e a criança apenas como ouvinte na situação. É importante que o professor provoque confrontos de ideias, e a contação de histórias é um excelente expediente nesse sentido:

Conversar, narrar, brincar e comunicar-se podem se constituir como eixos fundamentais da organização do trabalho com a linguagem oral na escola, pois, em todos os casos, não faltam oportunidades para aprender. E tudo vale a pena para tornar o cotidiano das crianças mais falantes (AUGUSTO, 2011, p. 63)

Assim sendo, a roda de conversa torna-se indispensável na sala de aula, possibilitando a comunicação.

Mais adiante aborda-se a frequência dessas atividades em sala de aula, especificamente a contação de histórias.

### 3.4 A contação de histórias em sala de aula e o trabalho pedagógico com a expressão oral das crianças

Tabela 4 – Respostas de docentes de contação de histórias

INTERLOCUTOR DOCENTE	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Com que frequência é trabalhada a contação de histórias em sala de aula? Como a expressão oral das crianças é trabalhada antes e durante a contação de histórias?
Professora 01	Diariamente. E são incentivados a falar, por meio de perguntas que terão que responder em relação à história.
Professora 02	Uma ou duas vezes na semana, pois são trabalhados outros eixos da oralidade. Antes de iniciar é feito rodas de conversas para apresentação de personagens, e durante a contação os educandos são instigados a imaginar fatos que acontecerão a seguir, levando-os a recriar possíveis caminhos em uma mesma história.

Fonte: Autoria própria

Com base nos dados obtidos, identificamos uma certa disparidade na frequência de se trabalhar a contação de histórias em sala de aula de uma professora para a outra. A professora dos alunos de 04 anos de idade, trabalha com as histórias diariamente; e a professora dos alunos de 05 anos trabalha apenas uma ou duas vezes na semana com essa atividade. Com isso, notase que a segunda docente demonstra mais propriedade na sua fala e descrição de metodologia: “antes de iniciar é feito rodas de conversas para apresentação de personagens, e durante a contação os educandos são instigados a imaginar fatos que acontecerão a seguir, levando-os a recriar possíveis caminhos em uma mesma história”.

Logo, não é porque se realiza uma determinada atividade todo dia, que obtemos resultados positivos com ela. Mais importante que fazer todo dia é fazer organizadamente, ou seja, ter um bom planejamento para realizar qualquer atividade educacional, neste caso contação de história, uma vez que:

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p.11)

Ou seja, o importante é ter significação para o educando. Só assim essa atividade contribuirá positivamente para seu desenvolvimento cognitivo. É importante ressaltar que as histórias devem ser selecionadas de acordo com a faixa etária das crianças e que as mesmas apresentem uma linguagem onomatopaica. Como afirma Cardoso, (2016), para que a história seja realmente relevante e envolvente para as crianças, o educador precisa considerar alguns aspectos como não ter vícios de vocabulário, ser criativo, saber utilizar expressão corporal e facial, a entonação da voz e a criatividade e a imaginação.

Com base nas respostas das docentes, a seguir serão apresentadas as falas dos discentes em relação a essa atividade em sala de aula.

### 3.5 Frequência da contação de histórias na visão das crianças

Tabela 5 – Respostas de discentes contação de histórias

INTERLOCUTOR DISCENTES	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Com que frequência é trabalhada a contação de histórias no dia a dia pelas professoras.
EDUCANDO 01	Todo santo dia
EDUCANDO 02	Todo dia
EDUCANDO 03	Todo dia
EDUCANDO 04	Uma ou duas vezes na semana
EDUCANDO 05	De vez em quando
EDUCANDO 06	Umas duas vezes na semana

Fonte: Autoria própria

Percebe-se que as afirmativas dos discentes estão de acordo com as das docentes. O mais interessante é que nos relatos dos educados, pude perceber um certo desinteresse por parte dos alunos de 04 anos de idade em relação à contação de histórias, devido à forma com que se expressaram ao falarem que a professora lhes contavam histórias todos os dias. Já com os alunos de 05 anos, notou-se a interação e o entusiasmo dos mesmos pela mesma atividade.

Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajuda-los. Muitos continuam utilizando as histórias apenas para acalmar os educandos ou para passar o tempo, e não veem as várias possibilidades de uma boa história:

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p. 3).

Mais adiante, estão as histórias que geralmente são contadas, quais delas possibilitam o reconhecimento e o diálogo com os saberes culturais das crianças de 04 e 05 anos de idade e como essas histórias se relacionam com os saberes culturais das crianças da comunidade ribeirinha.

### 3.6 As histórias contadas: o reconhecimento e o diálogo com os saberes culturais das crianças ribeirinhas de 04 e 05 anos de idade

Tabela 6 – Respostas docentes histórias contadas

INTERLOCUTOR DOCENTE	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Quais histórias são geralmente contadas? Quais histórias possibilitam o reconhecimento e o diálogo com os saberes culturais das crianças de 04 e 05 anos de idade? Como essas histórias se relacionam com os saberes culturais das crianças da comunidade ribeirinha?
Professora 01	A Patinha Esmeralda, Chapeuzinho Vermelho, A Dona Baratinha, A Iara. A professora destaca que essas histórias relacionam-se de forma direta com o cotidiano dos educandos, pelo fato de morarem em um lugar de muitos rios e matas.
Professora 02	Flauta do Tatu, O Boto cor de Rosa, Chapeuzinho Vermelho, O Curupira, A Cobra Grande do Piriá, A Iara, A Porca velha. A professora destaca que essas histórias se inter-relacionam com o cotidiano dos educandos, pois os mesmos demonstram mais interesse por histórias que envolvem animais, pois eles ouvem em casa histórias e causos relacionadas aos mesmos, em alguns casos, têm contato com alguns destes animais.

Fonte: Autoria própria.

Quando os conteúdos didáticos são apresentados aos educandos de uma forma que se aproxime da sua realidade, a significação acontece de forma mais natural, os mesmos interagem e aos poucos se apropriam de códigos necessários para seu desenvolvimento cognitivo. Heller (1987 apud ANDRADE, 2018, p. 141) afirma que “a criança que está inserida no seu cotidiano, no seu ambiente imediato e se apropria dele é capaz de reconhecê-lo como sendo seu próprio mundo”.

Logo, é possível perceber que ambas as educadoras utilizam contação de histórias que estão em sua maior parte relacionadas à realidade sócio-cultural dessas crianças ribeirinhas (com exceção de Chapeuzinho Vermelho produzida em uma realidade europeia), auxiliando-as no que diz respeito as narrativas orais. Contudo, a professora dos alunos de 05 anos aborda em uma perspectiva mais profunda, trabalhando com lendas locais, aproximando mais ainda os educandos de sua realidade e levando-os a interagir melhor com a atividade em questão. Apresenta-se a seguir as falas dos educandos em relação as histórias mais contadas pelas professoras, e como essas histórias se inter-relacionam com a realidade de cada criança.

### 3.7 As histórias mais contadas na visão de crianças ribeirinhas e os significados suscitados

Tabela 7 – Respostas de discentes histórias contadas

INTERLOCUTOR DISCENTES	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Quais histórias são mais contadas?
EDUCANDO 01	A Patinha Esmeralda e Chapeuzinho Vermelho. Eu tenho medo de lobo.
EDUCANDO 02	A Dona Baratinha. Lá em casa “dá” barata.
EDUCANDO 03	A patinha Esmeralda, Chapeuzinho Vermelho, A Dona Baratinha. A mamãe tem um monte de pato lá em casa.
EDUCANDO 04	O Boto Cor de Rosa, A Porca velha, A Cobra Grande do Piriá. Eu não ando no escuro porque tenho medo da porca velha.
EDUCANDO 05	O Boto e Chapeuzinho Vermelho; A Cobra Grande do Piriá, O Curupira. Papai já matou uma cobra grande, mas ela viveu de novo.
EDUCANDO 06	A Iara, O Boto, Chapeuzinho Vermelho; A Cobra Grande do Piriá. Eu já vi um boto na casa da vovó.

Fonte: Autoria própria.

É importante descrever algumas das histórias preferidas pelas crianças e que também se relacionam com a realidade ribeirinha:

#### A IARA

A Iara é uma mulher muito bonita, tem o cabelo preto e comprido. Ela mora no rio aqui da vila. Quando chega de noite “buia” no rio uma pedra grandona e a Iara que é muito bonita, fica sentada nela penteando o cabelo dela com uma escova de ouro. Ela tem uma voz muito bonita e ela canta bem baixinho, mas o pescador ouve de longe; aí ele vem atrás dela. Só que a Iara é mal, porque quando o pescador chega perto dela, ela puxa ele e “tíbum”, eles caem na água. Aí a pedra afunda no rio. O pescador desaparece, aí ninguém vê ele mais. Eu que não quero ver essa Iara. (EDUCANDO A, 5 ANOS)

#### O BOTO COR DE ROSA

Era uma vez um boto cor de rosa que mora aqui na água da vila. Esse boto vira gente! Quando tem festa lá no bar do seu Rock, ele “buia” do rio tudo de branco com uma chapéu branco na cabeça. Aí ele começa a dançar para lá e para cá com as meninas. Não sei como as meninas não sabem que é o boto que tá lá, e nem o seu Rock sabe porque ele deixa ele entrar lá. Só que aí quando dá meia noite, ele tem que voltar pro rio, se não ele vira boto lá na festa. Aí ele sai correndo e pula na água. Aí as meninas vão correndo atrás dele igual uma besta. (EDUCANDO B, 5 ANOS)

#### A PORCA VELHA

Era uma vez uma mulher velha que morava lá no final da ponte. Ela era muito rabugenta e não gostava de criança. O papai disse que ela morreu, só que ela não morreu de verdade. Quando é lua cheia, ela vira uma porca velha; aí ela fica andando na ponte até ficar de dia. Por isso que quando fica de noite, eu escuto “troc, troc, troc”. Eu me embrulho tudinho, porque ela tá passando na frente da casa da gente. Se a gente abrir a porta para ver ela, aí ela entra e morde a gente. Aí depois a gente vira porca também. (EDUCANDO A, 5 ANOS)

#### A COBRA GRANDE DO PIRIÁ

Era uma vez um homem que virava cobra. Ele aparecia lá no meio do rio toda noite, só que ele não era muito mal porque ele protegia a natureza. Só que ele era malvado com os homens que derrubavam as árvores do mato e que jogava lixo no rio também. Só que esse homem é cego, ele só enxerga de noite; aí ele só ataca de noite. Todo mundo diz que ele mora lá na baixeira porque tem um homem cego lá; só pode ser ele que vira cobra. (EDUCANDA C, 5 ANOS)

Ambas as educadoras destacam diversas lendas regionais, locais e algumas histórias contadas de livros. Vale destacar que os educandos realmente demonstraram muito entusiasmo para com essas lendas e histórias contadas por elas, principalmente os alunos de 05 anos de idade. Aqui percebe-se uma interação muito grande entre professora e alunos. Um ponto positivo em relação a formação de identidade cultural de cada criança:

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são (TORRES, TETTAMANZY. 2008, p.2).

Logo, é possível perceber mais uma vez que os educandos da turma de 05 anos de idade, têm uma melhor desenvoltura e entusiasmo em relação a expressão oral, pois os mesmos têm mais facilidade de dialogar, explicar o que lhes é indagado do jeito deles, e a relação que a docente estabelece com os mesmos é um dos motivos do desenvolvimento, pois o mesmo acontece de forma espontânea.

Outro ponto que chamou atenção na pesquisa foi a fala de alguns deles, apresentando lendas locais e em um caso específico de um dos alunos de 05 anos que dialogou muito bem sobre essas lendas, como por exemplo: A Porca Velha, O Boto Cor de Rosa e A Cobra Grande do Piriá. Sendo que o mesmo contou-me cada uma dessas lendas e ainda desenhou os personagens das mesmas. Segundo ele, aprendeu na escola e sempre ouve em casa, contada por seus avós. Daí, é possível perceber a importância que a relação família-escola possui na vida de uma criança. Com efeito, a instituição escolar pode ajudar a fixar os conhecimentos que são ensinados em casa, respeitando suas particularidades. E quanto mais cedo isso é estimulado, mais a criança desenvolve-se e apresenta resultados positivos em sua vida educacional.

Mais adiante, serão apresentados os recursos que as docentes utilizam para Desenvolver a expressão oral das crianças.

### 3.8 Os recursos didáticos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da expressão oral das crianças

Tabela 8 – Respostas de docentes recursos que auxiliam a expressão oral

INTERLOCUTOR DOCENTE	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Quais recursos são utilizados para auxiliar no desenvolvimento da expressão oral das crianças?
Professora 01	Leitura visual e oral das formas geométricas, números, letras, cores, músicas, brincadeiras, perguntas, livros e fantoches.
Professora 02	Livros, figuras ilustradas, músicas de movimento, desenhos livres, entre outros.

Fonte: Autoria própria.

Observa-se que ambas as professoras utilizam diversos recursos que auxiliam no desenvolvimento da expressão oral dos educandos, recursos esses como: livros, músicas, brincadeiras, fantoches e outros.

Contudo, elas não mencionaram que a leitura e contação de história também são possibilidades que beneficiam a criança, fazendo com que ela pronuncie as palavras e se comunique melhor de forma geral, assim como não enfatizaram que a produção de narrativas é outra possibilidade para o desenvolvimento da oralidade.

Outro recurso importante para o desenvolvimento da oralidade é o reconto de histórias. No reconto, as crianças ouvem e recontam as histórias produzindo-as e enriquecendo sua linguagem, além de estimular a criatividade e imaginação. A estratégia de reconto de histórias, além de estimular também o gosto pela oralidade, poderá ser de grande valia para a avaliação do desenvolvimento psicolinguístico da criança.

Em determinado momento de nossa vida enquanto educadores, já enfrentamos ou ainda enfrentaremos dificuldades em relação ao desenvolvimento da expressão oral de nossos educandos. Em alguns casos, encontramos alunos com uma limitação de expressão oral alarmante por diversos motivos, podendo ser por falta de afetividade em casa, famílias com problemas financeiros, entre outros. O fato é que a criança vai criando um vocabulário empobrecido e quando chega na fase escolar não desenvolve-se como deveria em relação à oralidade e comunicação. E no âmbito escolar, o educador é o principal responsável por incitar no educando nessa particularidade do desenvolvimento infantil:

Deste modo, o professor deverá criar situações, promover atividades apropriadas e incentivar a participação das crianças por meio de atividades como conversas, discussões, poesias, dramatizações, fantoches, leitura de histórias, entrevistas, músicas, reconto de histórias, trava-língua, debates, exposições orais, de forma a possibilitar que a criança se torne mais comunicativa e tenha uma interação maior com o grupo. Um ambiente rico em atividades expressivas incentivará o desenvolvimento da fala da criança. (CHAER, GUIMARÃES. 2012. p. 76).

Para isso, o educador deve ser dinâmico, interdisciplinar e fazer uso dos mais diversos recursos disponíveis, como: fantoches, dedoches, caixa surpresa, teatro, livros, cartazes, textos, músicas, histórias e entre outros.

A seguir, as respostas abstraídas por meio das conversas informais com os educandos sobre os recursos que desenvolvem a expressão oral dos mesmos e se realmente eles estão acostumados a praticar as atividades acima descritas pelas docentes.

### 3.9 Recursos utilizados pelas professoras na visão das crianças

Tabela 9 – Respostas de discentes recursos que utilizam expressão oral

INTERLOCUTOR DISCENTES	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Que recursos são utilizados pelas professoras para trabalhar o desenvolvimento oral
EDUCANDO 01	Desenhos dos livros, desenhos livres;
EDUCANDO 02	Ver números e letras grandes na parede e falar sobre eles;
EDUCANDO 03	Desenho dos livros;
EDUCANDO 04	Falar sobre desenhos que a professora vai enfiando no isopor;
EDUCANDO 05	Fazer desenhos, ver desenho nos livros;
EDUCANDO 06	Músicas, fazer desenho, bonequinhos.

Fonte: A autoria própria.

Com base nisso, observamos uma gama de recursos citados tanto pelas docentes, quanto pelos discentes para auxiliar no processo de desenvolvimento da expressão oral dessas crianças, tais como músicas, números, letras, cores, brincadeiras, perguntas, livros, fantoches, figuras, desenho livre, e outros. Contudo, na visão das crianças, a atividade de desenho tem uma preponderância.

É importante lembrar que mais importante que tê-los, é saber utilizá-los de modo que surta efeitos positivos na vida educacional dos educandos, utilizando-se de livros, fantoches, músicas, e demais recursos citados acima, o professor pode iniciar uma história e compartilhala com a criança, propondo perguntas que lhes sirvam de roteiro para contar um trecho a mais, completando assim a narrativa do professor.

Para finalizar a pesquisa sobre desenvolvimento da expressão oral, a seguir destacaremos o ponto de vista das docentes em relação à contribuição que a contação de histórias traz para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na educação infantil.

### 3.10 A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na educação infantil

Tabela 10 – Respostas docentes contação de histórias aprendizagem

INTERLOCUTOR DOCENTE	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: De que maneira a contação de histórias pode contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na educação infantil?
Professora 01	Os contos nos ajudam a tornar claro os primeiros contatos com o mundo mágico que é a literatura e desperta o interesse da criança pelos livros, leitura visual e corporal e contribui para um melhor desempenho no ensino e aprendizagem.
Professora 02	A criança se permite questionar, reconhecer e interagir com mais facilidade nas atividades em grupo e em seu meio social, pois passa a ter mais desenvoltura no pensar e se expressar verbalmente.

Fonte: Autoria própria.

Ao trabalhar com formas orais populares (parlendas, músicas, contos, etc.), as crianças podem vir a reconhecer a cultura de sua própria família, ou melhor, podem perceber que sua gente também tem uma rica cultura. Ao entrar em contato com um conto maravilhoso, uma quadrinha ou um dito da sabedoria popular, o discente talvez pense:

Peraí! Meus pais conhecem isso! Isso eu já ouvi! Isso faz sentido para mim!” a partir daí, é perfeitamente possível imaginar que tal aluno volte para casa, conte o conto que aprendeu na escola e, no dia seguinte traga outros contados pelo pai ou por algum parente (AZEVEDO, 2004, p. 158).

Ambas as educadoras apresentam respostas muito significativas em relação a contribuição que a contação de histórias traz para o desenvolvimento da expressão oral das crianças na educação infantil. A segunda docente afirma que a criança se permite questionar, reconhecer e interagir com mais facilidade nas atividades em grupo e em seu meio social, pois, por meio da contação de histórias, a criança passa a ter mais desenvoltura no pensar e se expressa melhor verbalmente.

Quando as crianças relacionam-se com os livros desde cedo, ouvindo histórias ou lendo aprende a pronunciar as palavras de maneira correta, e comunica-se melhor. Por meio da leitura a criança desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimentos e valores, além de favorecer familiaridade com o mundo da escrita. (AUGUSTO, 2011, p. 57)

É necessário apresentarmos as falas dos educandos quando indagados se gostavam ou não da atividade de contação de histórias e por que.

Tabela 11 – Respostas discentes ouvir histórias

INTERLOCUTOR DISCENTES	RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: Você gosta de ouvir histórias? Por que?
EDUCANDO 01	Eu gosto.
EDUCANDO 02	É legal.
EDUCANDO 03	É, às vezes eu gosto.
EDUCANDO 04	Eu gosto de imaginar as coisas e a professora deixa a gente inventar nossa história depois.
EDUCANDO 05	Eu gosto de ouvir e contar histórias porque é muito legal.
EDUCANDO 06	Eu gosto muito.

Fonte: Autoria próprias

Por meio das respostas deles e de acordo principalmente com a experiência docente e pessoal que tive com eles, afirma-se que os todos os educandos que foram interlocutores desta pesquisa apreciam uma boa contação de histórias.

Um dos principais objetivos da escola é fazer com que os alunos gostem de ler. Mas não podemos obrigá-los a isto, temos que encontrar formas de persuadir os alunos para que eles próprios busquem a leitura. Para isto, um caminho possível é o da contação de histórias:

O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Alguém que toma gosto em ouvir histórias, provavelmente, procurará lê-las também. Ou, até mesmo, chegará a escrevê-las, já que o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores (MEIRELES, 1979, p. 42).

A primeira docente afirmou que a contação de histórias é um instrumento fundamental no incentivo ao gosto pela leitura. Ela diz que os contos ajudam as crianças a tornar claro os primeiros contatos com o mundo mágico que é a literatura, e que desperta o interesse da criança pelos livros, leitura visual, e isso contribui para um melhor desempenho no ensino e aprendizagem. Para reforçar a visão das docentes, Craidy e Kaercher (2001) afirmam que “por meio do acesso e manuseio aos livros, a partir da contação de histórias e leituras, as crianças vão criando o hábito e o interesse pela leitura e assim um apreço pela escrita”.

Logo, percebemos que as duas docentes atribuem à contação de histórias uma grande importância, tanto para a desenvoltura oral, facilidade em expressar ideias, sentimentos e fatos (pensar, sentir e agir), dialogar com o meio em que estão inseridos (as), bem como a adquirir o gosto pela leitura e escrita. Os discentes, por sua vez, afirmaram gostar de ouvir histórias.

Em suma, percebemos que a educação infantil, através do trabalho com narrativas orais, está no caminho certo do desenvolvimento infantil e da formação de cidadãos conectados com seu mundo sócio-cultural.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir sobre o desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. Também objetivou discutir as contribuições das histórias vivas por meio das narrativas orais sobre o conhecimento histórico social de uma comunidade tradicional para o processo ensino-aprendizagem dessas crianças.

Para atingir o objetivo da pesquisa, de princípio foi enfatizado a criação específica do currículo para a Educação infantil, em que deve ser levado em consideração a realidade cultural das crianças. Sabendo-se que a proposta pedagógica da Educação Infantil deve estar vinculada a realidade da criança, o processo de ensino deve ser interdisciplinar. Dessa forma, a aprendizagem será eficaz, pois a interdisciplinaridade possibilita a criança uma formação efetiva e holística.

A criança sendo dotada de conhecimento construídos coletivamente, está sempre pronta para assimilar tudo que lhe é ensinado. Então, em meio a tantas experiências que a criança vivencia, a oralidade como recurso dinâmico que ela utiliza para se comunicar, deve ser mediada e desenvolvida pelo professor, que por sua vez possibilitará às crianças meios para uma consolidação em sua aprendizagem.

É importante ressaltar que o processo educativo deve propiciar situações concretas para que as crianças utilizem-se da linguagem oral para exercitarem e efetivarem sua comunicação, ou seja, podendo expressar-se com segurança em situações diferentes.

Quando nos reportamos ao processo de ensino aprendizagem das crianças de 0 a 5 anos, podemos perceber uma variedade de metodologias criativas, dinâmicas que podem ser eficazes no processo educativo das crianças.

Uma delas é a literatura oral das comunidades ribeirinhas. As histórias contadas pelas comunidades ribeirinhas são conhecidas por eles. Esses conhecimentos passam de geração a geração sem perder seu valor cultural, e principalmente são ensinamentos que transmitem valores, sejam eles sociais, morais, religiosos ou éticos.

Na educação infantil, esses conhecimentos são essenciais para que as crianças desenvolvam sua oralidade, colocando em prática aquilo que vivenciam no seu dia a dia. O professor mediador dispõe de diversas ferramentas para mediar o processo de ensino. Uma delas são as narrativas orais/ contação de histórias, como forma dinâmica e eficaz de estimular o desenvolvimento e a aprendizagem.

No âmbito desta pesquisa foram coletados dados a respeito do desenvolvimento da oralidade infantil por meio da contação de histórias.

Com base tanto nas discussões teóricas, quanto em relação aos dados abstraídos por meio das entrevistas e conversas informais, tanto com os docentes, quanto com os discentes, foi possível constatar que a consolidação da aprendizagem na Educação Infantil por meio das narrativas orais acontecem de forma significativa, pois as crianças sentem-se capazes para expressar suas emoções, seus sentimentos e sua criatividade através da literatura oral.

Sabe-se que, infelizmente, alguns educadores utilizam as narrativas orais não como realmente deveriam ser utilizadas, mas usam somente como forma de passar o tempo, sem objetivos, sem planejamento. As docentes do Centro Municipal de Educação Infantil “Canto do Saber” utilizam as narrativas orais de forma prazerosa instigando aguçando a imaginação das crianças, principalmente a docente dos alunos de 05 anos de idade, onde percebe-se que a mesma tem mais propriedade ao falar do assunto em questão. Logo, os discentes demonstram gostar das narrativas que lhes são contadas, principalmente aquelas que estão relacionadas com suas realidade e que são contadas de forma dinâmica.

A partir da discussão dos dados, foi possível observar que as narrativas orais utilizadas necessitam ser olhadas de forma diferente, ou seja, as narrativas precisam ser valorizadas como ferramentas úteis no processo de ensino aprendizagem, para que elas possam perpetuar como histórias vivas para as gerações futuras.

Portanto, o trabalho com as histórias orais torna-se dinâmico e interessante quando se trata da memória cultural de pessoas, pois elas narram tudo o que se possa contribuir para a construção e o resgate da história de um lugar. Daí a importância de a escola realizar um trabalho dando ênfase às histórias vivas através de uma boa contação de histórias!

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1987.
- ANDRADE, Élide Luciane vieira de. A Literatura oral nas vertentes dos estudos dos contos populares na Amazônia. **Revista Exitus**, v.4 – jan/jun – 2014.
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na Educação Infantil. **Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores**. Universidade Estadual Paulista. Pró-reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v.1, p. 52-64.
- AZEVEDO, Ricardo. Formas Literárias Populares e Formação de Leitores. In: BARBOSA, Maria H. S.; RETTENMAIER, Miguel; ROSING, Tânia M. K. (org.). **Leitura, identidade e patrimônio cultural**. Passo: UPF, 2009.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil: bases para uma reflexão sobre as orientações curriculares: MEC/SEB/UFRGS**, Brasília, 2009.
- BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. **Educare et educare – revista de educação**. São Paulo, V06, nº 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto: **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de Dezembro de 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CASCUDO, L. da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho, (3): p. 7188, nov. 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Ana Amélia Sanches. **A Literatura Infantil no Desenvolvimento da Narrativa em Crianças Oriundas de Contextos de Baixa Escolaridade**. São Paulo, 2009.

COSTA; GUIMARÃES; ROSSETTI-FERREIRA. Conversar para aprender a pensar. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003. P. 81-83.

COUTO, Nara Soares. **O faz-de-conta como atividade promotora do desenvolvimento infantil e algumas contribuições acerca de implicações para o aprender a ler e escrever**. Dissertação (Mestrado em Educação) \_UNESP, Marília. 2007. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/artigo-ANA-LUCIASANCHES.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. 2. ed. Barcelona: Gráficas Hurope S/A, 1987.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E por falar em literatura: *In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise p da Silva. Educação Infantil pra que te quero?* Porto Alegre: Artemed, 2001.

KRAMER, Sônia. (Cord.) **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa Curricular para a Educação Infantil**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2005.

LÜCK, Heloísa. **Ação integrada: administração, supervisão e orientação educacional**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARQUES, Regina Alves de Moraes. **A Linguagem Oral na Educação Infantil: uma reflexão sobre seus fundamentos e inserção no planejamento escolar**. Curitiba, 2012

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MORAES, Raymundo. **Anfiteatro Amazônico**. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, s. d.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A crise da teoria curricular crítica. *In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). O currículo nos limiars do contemporâneo*. Rio de janeiro: DP&A, 1999. p. 11-36.

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Tradução de Cláudia Berline. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de et. al. **Educação Infantil: muitos olhares**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação Infantil Fundamentos e Métodos**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PEDRA, José Alberto. **O currículo e suas representações**. Campinas: Papyrus, 1997.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Trad. Monique Augras. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2011.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. **O Desenvolvimento da Oralidade das Crianças na Educação Infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

SCHUSTER, Simone Cristina. **Desenvolvimento Infantil em Vygotsky: contribuições para mediação pedagógica na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso, Chapecó, 2016.

SIMÕES, Maria do Socorro Galvão; FARIAS, Cristiane do Socorro Gonçalves. As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas. Letras, Santa Maria, v. 27, n. 55, p. 109-128, jul./dez. 2017.

STEINLE, Marlizete Cristina Bonafine (org.) **Literatura Infantojuvenil**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2015.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

TONUCCI, Francisco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Trad. Alba Olmi. Porto Alegre: artemed, 2005.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; Contação de Histórias: Resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica e teoria da literatura**. PPGLET UFGS-vol 04. N. 01, Porto Alegre, 2008.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2ª ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore Literário e Linguístico: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular**. 2. ED. UFJF. Juiz de Fora, 1995.